

**AS RELAÇÕES LITERÁRIO-COMERCIAIS  
DE MACHADO DE ASSIS  
E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO  
DO CAMPO LITERÁRIO NO BRASIL DO SÉCULO XIX**

Thamires Gonçalves (UERJ)  
[thamiresgoncalves2@hotmail.com](mailto:thamiresgoncalves2@hotmail.com)

**RESUMO**

É de conhecimento geral que Machado de Assis transformou-se em cânone da literatura brasileira ainda em vida, ganhando o reconhecimento de seus pares, prova disso foi sua eleição como presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde permaneceu até sua morte, em 1908. No entanto, sua carreira não começou com *Dom Casmurro*, ela teve início muito antes na década de 1850, quando Machado de Assis publicou seus primeiros textos no jornal *Marmota Fluminense*, ainda com 15 anos. O prestígio como crítico respeitado na década de 1860, com a ajuda de Alencar. Sua frutífera relação com B. L. Garnier, é o que lhe confere reconhecimento como escritor de poemas, contos e romances (em sua conhecida primeira fase). E por fim, sua transformação em eixo gravitacional do campo literário brasileiro na década de 1880, com a publicação de seu segundo bloco de romances, a famosa segunda fase, culminando, na década de 1890, com a criação e a presidência da ABL. O presente texto pretende mostrar, através dos pontos mais marcantes da carreira do autor, sua trajetória desde as primeiras publicações até o efetivo sucesso alcançado, na tentativa de dimensionar como Machado de Assis alcançou posição de destaque no cenário literário do século XIX.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Campo literário. Literatura brasileira.

**1. Machado de Assis e Paula Brito**

O Rio de Janeiro da década de 1850 ainda era uma cidade bastante provinciana, insalubre, com ruas mal iluminadas e um sistema de transporte bastante precário. Somente em 1855, a cidade passou a receber iluminação pública a gás, (antes eram usadas lamparinas de azeite, que produziam uma iluminação bastante fraca) que possibilitou o desenvolvimento da vida noturna e a maior frequência das pessoas ao teatro.

É nesse contexto que o jovem Machado de Assis começa a se inserir na sociedade letrada do Rio de Janeiro, quando contava ainda 15 anos. Os primeiros textos publicados por Machado foram poemas no periódico *Marmota Fluminense*, que era dirigido por Francisco de Paula Brito. E foi essa primeira relação de Machado no mundo das letras que impulsionou a carreira do jovem escritor.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Paula Brito recebia jovens escritores em seu jornal, permitindo que publicassem seus textos. A *Marmota* era, em comparação aos outros jornais que circulavam na época, bastante original. Dedicado quase que exclusivamente a assuntos literários, tinha apenas seis páginas e tipos maiores, além de ter uma qualidade de impressão superior. Seu conteúdo girava em torno de artigos traduzidos de jornais franceses (na sua maioria), mas também abria espaço para que os escritores nacionais publicassem suas obras em formato de *folhetim*. Publicavam-se artigos históricos, científicos, crônicas religiosas e anedotas. Além de avisos, comunicados e, raramente, a coluna de *a pedidos*.<sup>3</sup> A maior parte do jornal – quase a metade dele, na verdade – era dedicada a publicação de poesias escritas por seus colaboradores, produzidas a partir de um mote determinado pelo próprio Paula Brito.

Conhecido por ser muito rigoroso com o conteúdo que era publicado, certa vez escreveu que “ser assinante não dava o direito de ser impresso, mesmo pagando” (*Marmota*, n. 1274, 18.1.1861, *apud* MASSA). Embora muito realista em relação ao mercado em que sua publicação estava inserida e as dificuldades que encontrava, promovia reuniões nos fundos de sua livraria com jovens escritores e publicava seus textos.

Dessas reuniões, surgiu a Sociedade Petalógica, uma espécie de associação em que se promoviam encontros para discutir sobre literatura, peças em cartaz no Rio de Janeiro – havia apenas três ou quatro teatros em funcionamento na época -, além da leitura de versos. Acredita-se que essa era a única associação dedicada exclusivamente à cultura e literatura do período. A Petalógica tornou-se um ponto de encontro de todo o movimento romântico de 1840 a 1860 no Brasil. Dentre as figuras que frequentavam as reuniões pode-se citar: Araújo Porto-Alegre, Teixeira e Souza, Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida, além de jornalistas, líderes da sociedade, ministros e médicos. Machado de Assis passou a frequentar a Petalógica e foi nela que fez suas primeiras relações no campo literário, relações estas que o acompanharam por muitos anos.

Paula Brito foi o editor que mais produziu para o leitor comum, chegando a produzir publicações voltadas apenas para o público feminino, o que era na época um avanço significativo. Em 1848, era considera-

---

<sup>3</sup> Essa parte do jornal era dedicada a publicar textos escritos pelos leitores, que pagavam por esse espaço. Os textos continham temas variados, desde o elogio a mortos, versos, anúncios até calúnias e difamações. É o que sustentava o jornal e, no século XIX, ocupava a maior parte dos periódicos.

do o maior livreiro do Brasil no que dizia respeito ao número de máquinas próprias. Criou uma série de relações comerciais ao longo de todo o Império, instituindo um sistema de agências, que permitiam que suas produções alcançassem um número cada vez maior de leitores. Paula Brito imprimiu apenas periódicos até 1835, mas a partir deste ano passou também a imprimir livros, começando por 5 livros anuais e chegando a publicar até 24 livros em 1853.

Foi conhecido também por ser o primeiro editor a encorajar a produção de literatura nacional, não apenas com as poesias em seus periódicos, mas investindo na publicação de romances. *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Souza, publicado em 1843, foi o primeiro romance brasileiro de algum valor literário no Brasil. *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, que tanto gerou polêmica na época<sup>4</sup>, também foi publicado através do livreiro.

Sempre prezando pela neutralidade, evitava que os assuntos tratados no interior de sua livraria e nos encontros que produzia, versassem sobre política. Na década de 1840, sua livraria era conhecida por ser a única a não receber incentivos fiscais do Império. Paula Brito “esforçava-se para tornar seu número 64 um ponto de encontro neutro”. (HALLEWELL, 2012, p. 169)

No entanto, sua relação de amizade com Dom Pedro II nunca foi um segredo e Paula Brito foi um dos defensores da maioria do Imperador. Dada essa longa amizade, em 1850, aceitou ajuda imperial para iniciar uma sociedade de ações. Pedro II era, inclusive, possuidor de uma percentagem de ações de sua empresa, mas essa relação nunca influenciou o conteúdo das publicações, vale ressaltar.

O hábito de reunir escritores e intelectuais em livrarias não começou com Paula Brito, Louis Mongie, maior livreiro da Rua do Ouvidor antes de Paula Brito, também promovia encontros em sua livraria, demonstrando uma “tendência brasileira de converter uma livraria em clube literário informal” (HALLEWELL, 2012, p. 167), mas acabou sendo eclipsado pela Petalógica. Esse padrão de promover encontros literários foi seguido por B. L. Garnier, posteriormente assumido por Hippolyte Garnier, estendendo-se até os dias de hoje.

---

<sup>4</sup> *A Confederação dos Tamoios* é um poema épico de Gonçalves de Magalhães, patrocinado por Pedro II. José de Alencar, sob o pseudônimo de “Ilg” escreve uma série de cartas sobre a qualidade do poema. A polêmica surge quando Araújo Porto-Alegre e até mesmo o imperador, sob o pseudônimo de “amigo do poeta”, escrevem cartas rebatendo as duras críticas de Alencar.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Importante destacar que o campo literário no Rio de Janeiro ainda estava em formação; sendo assim, Machado se inseriu desde o começo de sua carreira nas letras no centro desse campo ainda pouco estruturado. Tamanha importância teve Paula Brito nesse contexto, que mais tarde foi comparado a B. L. Garnier no que diz respeito a seu papel no desenvolvimento da cultura no Brasil.

Machado de Assis não colaborava apenas na *Marmota*, contribuía em diversos periódicos, entre eles o *Correio Mercantil*<sup>5</sup>, *Diário do Rio de Janeiro*, *A Semana Ilustrada* e *O Paraíba*. Mas Machado não esqueceu a grande estima que tinha por Paula Brito e nunca deixou de louvar os anos que colaborou no *Marmota*, nem sua participação na Petalógica. Em ocasião da morte de Paula Brito, escreveu no *Diário do Rio de Janeiro*:

Mais um! Este ano há de ser contado como um obituario illustre, onde todos, o amigo e o cidadão, podem ver inscritos mais de um nome caro ao coração e ao espirito. Longa é a lista dos que no espaço desses doze meses que estão a expirar, tem caído ao abraço tremendo daquela leviana, que não distingue os amantes, como diz o poeta. Agora é um homem que, pelas suas virtudes sociais e políticas, por sua inteligência e amor ao trabalho, havia conseguido a estima geral. Começou como impressor, como impressor morreu. Nesta modesta posição tinha em roda de si todas as simpatias. Paula Brito foi um exemplo raro e bom. Tinha fé nas suas crenças políticas, acreditava sinceramente nos resultados da aplicação delas; tolerante, não fazia injustiça aos seus adversários; sincero, nunca transigiu com eles. Era também amigo, era, sobretudo, amigo. Amava a mocidade, porque sabia que ela é a esperança da pátria, e, porque a amava estendia-lhe quanto podia a sua proteção. Em vez de morrer, deixando uma fortuna, que o podia, morreu pobre como vivera graças ao largo emprego que dava às suas rendas e ao sentimento generoso que o levava na divisão do que auferia do seu trabalho. Nestes tempos de egoísmo e cálculo, deve-se chorar a perda de homens que, como Paula Brito, sobressaem na massa comum dos homens. (*Diário do Rio de Janeiro*, 24.1.1861, in ASSIS, 2008)

A partir deste momento, Machado já ganhava dinheiro suficiente para se manter. Embora ainda morasse com a madrasta, trabalhou como revisor de provas, tipógrafo, colaborou com textos para alguns periódicos e revistas, era redator, fazia resenhas, depois foi crítico de teatro. Enfim, estava fortemente inserido no campo literário no Brasil do século XIX, se

---

<sup>5</sup> Machado começou a trabalhar como revisor de provas no *Correio Mercantil* em 1858, apenas três anos depois de ingressar no *Marmota Fluminense*. Interessante notar que o *Correio Mercantil* era um jornal de oposição (diferente do *Marmota*, que era defensor de Pedro II); além disso, era um periódico de vocação basicamente política, que disputava o primeiro lugar com o *Jornal do Comércio*. Machado, portanto, não estava interessado unicamente em manter-se no centro cultural do período, pois dedicava-se a outras frentes.

pensarmos que em nosso país o preço dos livros era alto e o jornal era mais acessível.

## 2. *O reconhecimento como crítico*

O reconhecimento como crítico veio em fevereiro de 1868, quando José de Alencar enviou uma carta aberta a Machado de Assis no *Correio Mercantil*, apresentando um jovem poeta: Castro Alves. Nesse texto, apresenta o poeta afirmando que o recebeu em sua casa e que este leu para ele uma peça intitulada “Gonzaga” e alguns poemas: “A Cascata de Paulo Afonso”, “As Duas Ilhas” e “A Visão dos Mortos”.

Alencar emite sua opinião sobre o talento de Castro Alves, mas somente seu julgamento não é o suficiente. Ao admitir publicamente que a opinião de Machado importa e muito para que a sociedade letrada receba o poeta, Alencar promove Machado ao posto de primeiro crítico brasileiro. Eis um trecho da carta:

Já um poeta o saudou pela imprensa; porém, não basta a saudação; é preciso abrir-lhe o teatro, o jornalismo, a sociedade, para que a flor desse talento cheio de seiva se expanda nas auras da publicidade. — Lembrei-me do senhor. Em nenhum concorrem os mesmos títulos. Para apresentar ao público fluminense o poeta baiano, é necessário não só ter foro de cidade na imprensa da Corte, como haver nascido neste belo vale do Guanabara, que ainda espera um cantor. — Seu melhor título, porém, é outro. O senhor foi o único de nossos modernos escritores, que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica. Uma porção de talento que recebeu da natureza, em vez de aproveitá-lo em criações próprias, teve a abnegação de aplicá-lo a formar o gosto e desenvolver a literatura pátria. — Do senhor, pois, do primeiro crítico brasileiro, confio a brilhante vocação literária, que se revelou com tanto vigor. (*Correio Mercantil*, 18.2.1868)

A resposta de Machado chegou com outra carta aberta publicada também no *Correio Mercantil*, em 1º de março de 1868. Nela, Machado se mostra muito lisonjeado com o elogio dado por Alencar.

É boa e grande fortuna conhecer um poeta; melhor e maior fortuna é recebê-lo das mãos de V. Exa., com uma carta que vale um diploma, com uma recomendação que é umaagração. A musa do Sr. Castro Alves não podia ter mais feliz introito na vida literária. Abre os olhos em pleno Capitólio. Os seus primeiros cantos obtêm o aplauso de um mestre. — Mas se isto me entusiasma, outra coisa há que me comove e confunde, é a extrema confiança, que é ao mesmo tempo um motivo de orgulho para mim. De orgulho, repito, e tão inútil fera dissimular esta impressão, quão arrojado seria ver nas palavras de V. Exa. mais do que uma animação generosa. (*Correio Mercantil*, 1.3.1868)

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Mas Machado vai além e tece comentário sobre o difícil papel da crítica naquele momento, além de nos mostrar como o campo literário ainda estava em formação. As opiniões que Machado coloca nessa pequena resposta mais tarde ressoam em seu conhecido texto crítico “Insulto de Nacionalidade”, onde as trabalhará com mais propriedade.

Confesso francamente, que, encetando os meus ensaios de crítica, fui movido pela ideia de contribuir com alguma coisa para a reforma do gosto que se ia perdendo, e efetivamente se perde. Meus limitadíssimos esforços não podiam impedir o tremendo desastre. Como impedi-lo, se, por influência irresistível, o mal vinha de fora, e se impunha ao espírito literário do país, ainda mal formado e quase sem consciência de si? Era difícil plantar as leis do gosto, onde se havia estabelecido uma sombra de literatura, sem alento nem ideal, falseada e frívola, mal imitada e mal copiada. (...) Compreende V. Exa. que, onde a crítica não é instituição formada e assentada, a análise literária tem de lutar contra esse entranhado amor paternal que faz dos nossos filhos as mais belas crianças do mundo. Não raro se originam ódios onde era natural travarem-se afetos. Desfiguram-se os intentos da crítica, atribui-se à inveja o que vem da imparcialidade: chama-se antipatia o que é consciência. (*Correio Mercantil*, 1.3.1868)

Mais adiante alfineta seus pares que não reconhecem o talento de Alencar, relegando-o a uma espécie de exílio no campo literário<sup>6</sup>. Machado vai além e anima seu mestre a continuar a escrever sobre esses jovens talentos.

Quanto a V. Exa., respirando nos degraus da nossa Tijuca o hausto puro e vivificante da natureza, vai meditando, sem dúvida, em outras obras-primas com que nos há de vir surpreender cá embaixo. Deve fazê-lo sem temor. Contra a conspiração da indiferença, tem V. Exa. um aliado invencível: é a conspiração da posteridade. (*Correio Mercantil*, 1.3.1868)

### 3. *Machado de Assis e Garnier: surge o Machadinho*<sup>7</sup>

A década de 1870 é decisiva para Machado de Assis, pois ao fim desses dez anos ele já é considerado um bom romancista, poeta, crítico, jornalista e crítico de teatro. Nesse período, publicou seus quatro primeiros romances, *Ressurreição* (1872), *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878); três livros de poesias, *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875); e dois livros de contos, *Contos*

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que esta não será a última vez que Machado defende Alencar e o coloca como principal romancista do período, haja vista o texto crítico que escreve sobre *Iracema*.

<sup>7</sup> Referência a nomenclatura utilizada por João Cezar de Castro Rocha em seu livro *Machado de Assis: por uma poética da emulação*.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia Noite* (1873). Para compreender como Machado chegou ao ponto que chegou nessa década é importante conhecer uma figura que foi de suma importância nesse processo: B. L. Garnier.

Baptiste-Louis Garnier chegou ao Brasil em 1844, aqui fundou a Livraria Garnier, que dirigiu até sua morte em 1893. Inicialmente, sua Livraria se chamava Garnier Irmãos, somente mais tarde passou a chamar-se Livraria Garnier, quando passou a assinar suas publicações apenas como B. L. Garnier.

Ao chegar ao Brasil, a Livraria Garnier era bastante dependente da filial europeia, gerida pelos outros dois irmãos mais velhos. Os livros publicados por Garnier eram do catálogo em português da matriz francesa - a preferência de publicação era para livros consagrados, os clássicos. Importante frisar também que a sua associação a loja dos irmãos mais velhos inicialmente conferiu a suas publicações a legitimidade necessária para o sucesso que alcançou mais tarde. Para Hallelwell (2012), o Brasil pós-independência passou a atribuir a herança portuguesa todo o atraso nacional, à medida que tudo que era ligado à França era considerado moderno e progressista. Assim, não é difícil imaginar que Garnier aproveitou-se do domínio cultural que a França exercia naquele momento no mundo contemporâneo e enxergou no Brasil uma possibilidade comercial vantajosa.

Sabendo da pouca qualidade oferecida pelas tipografias nacionais, todas as impressões eram feitas em Portugal<sup>8</sup>, numa filial da matriz francesa, Garnier tornou-se então o primeiro a separar impressão de edição. Somente em 1873 importou máquinas que lhe possibilitaram fazer suas impressões no Brasil.

Por conta do alto custo da importação, foi o primeiro a taxar preços nos livros e mesmo que estes não vendessem como esperado, o valor nunca era diminuído. Garnier foi acusado de que tudo que vendia era estrangeiro e seus opositores o acusavam de ganhar dinheiro à custa do trabalho e talento brasileiro, ganhando o apelido de “bom ladrão Garnier”, adquirindo

a reputação póstuma de avarento. As lembranças de seus contemporâneos descrevem a figura nada simpática de um homem baixo, gordo, míope, de fala lenta, de enorme cabeça redonda, queixo fugidio, sentado, com uma pena na

---

<sup>8</sup> Com o advento do navio a vapor, a viagem entre Brasil e Portugal durava apenas 15 dias.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

mão, diante de uma escrivainha alta, no canto mais afastado de sua sombria e poeirenta loja, descolando selos carimbados da correspondência recebida, preservando os envelopes para serem usados novamente e murmurando para si mesmo: "Ah! *Pauvre Baptiste, si j'étais riche comme mon frère...*". (HALLEWELL, 2012, p. 230-231)

Má fama à parte, Garnier contribuiu muito para o desenvolvimento da indústria livreira no Brasil, além de melhorar a qualidade das impressões, foi o primeiro a pagar direitos autorais para tradutores e autores com regularidade, oferecendo inclusive participação nas vendas. Também foi o primeiro a investir na produção de livros escolares, assumindo um risco comercial levando-se em conta o mercado ainda bastante pequeno. É a ele também que devemos os formatos da maioria dos livros daquela época, o livreiro instituiu dois tamanhos oficiais (16,5 x 10,5 cm e 17,5 x 11 cm), uma padronagem que se generalizou de tal modo que não é possível encontrar um só livro no período que não se encaixe nesse tamanho. (HALLEWELL, 2012, p. 245)

Além de suas contribuições para o melhoramento da indústria livreira no Brasil, sua livraria foi palco de reuniões e encontros literários, era o lugar onde todos corriam em busca de novidades. A Livraria Garnier “era palco da sociabilidade com poderes de reconhecimento, celebração e consagração de todo autor aspirante à glória”. (LEÃO, 2007)

Com grande tino comercial, Garnier empenhou-se também em conquistar o público feminino, sua livraria passou a publicar o *Jornal das Famílias*, periódico no qual Machado passou a colaborar. Com o sucesso alcançado, Machado foi reconhecido por Garnier e assinou seu primeiro contrato, publicando *Crisálidas*; depois de uma grande vendagem, assinou contrato para publicar *Contos Fluminenses, Falenas e Histórias da meia-noite*. Interessante notar que os livros publicados por Machado pela Livraria Garnier eram de ciclos de curta duração, postos no mercado para vender rápido, devido à fama do escritor. Com o passar dos anos, alguns deles foram reeditados e Machado passa a figurar no catálogo da livraria. Segundo Bourdieu (2010), “quando um livro prolonga sua carreira além do primeiro ano, entra no “acervo”, constituindo uma “reserva” financeira que fornece as bases de uma previsão e de uma “política” de investimentos a longo prazo”. O primeiro livro de poemas publicado por Machado de Assis, *Crisálidas*, teve uma tiragem inicial de mil exemplares, que se esgotaram rapidamente, algo completamente fora dos padrões da época. Segundo Hallewell (2012), edições no México, por exemplo, raramente superavam 500 cópias; mil exemplares era um número grande até mesmo para padrões europeus.



Isto fica mais claro após a morte de Baptiste-Louis Garnier e a livraria passa a Hippolyte, mais conservador que seu irmão. Machado torna-se com o segundo irmão Garnier um autor cujas publicações pertencem aos ciclos longos, denotando uma mudança na política editorial da livraria, além de uma mudança no status do escritor.

Como dito anteriormente, Garnier foi o primeiro a remunerar seus escritores pelos direitos dos livros publicados. Machado de Assis, por exemplo, recebia pela venda dos direitos da obra e por cada livro vendido, algo inédito até então. Para Hallewell (2012), a longa ligação entre Garnier e Machado de Assis é uma prova de que o livreiro era capaz de identificar o talento de um escritor que nunca se esforçou para alcançá-lo. Este comentário talvez se deva ao fato de Machado nunca ter vivido das letras, pois possuía um emprego público; assim, suas publicações podem ser entendidas como um projeto literário e não um meio de subsistência.

#### **4. Os principais textos de crítica literária**

Com a publicação desses livros e com todo o sucesso alcançado, Machado passou a ser considerado um bom romancista, poeta e cronista, mas é também nessa década que ele publica “Instinto de Nacionalidade”, “A nova Geração” e “Eça de Queiros: Primo Basílio”. Já consagrado como crítico de respeito, ele tem espaço para fazer diversas considerações sobre o campo literário e as produções do período.

“Instinto de Nacionalidade” foi publicado em março de 1873 em *O Novo mundo*, um periódico brasileiro impresso em Nova Iorque, a pedido de José Carlos Rodrigues. O texto deveria ser um estudo sobre o caráter geral da literatura brasileira, abrangendo as boas e más tendências na literatura no aspecto literário e moral. Em 1910, abriu um volume de críticas de Machado para a editora Garnier e organizado por Mário de Alencar. O texto foi republicado por Garnier em 1921 e 1937. Alguns fragmentos circulavam com o título *Paladinos da linguagem* em 1926, 1937 e 1942. Não é novidade que esse texto é bastante conhecido e considerado um cânone da crítica no período.

“Instinto de Nacionalidade” surge num momento em que a literatura no Brasil ainda é vista pelas lentes do Romantismo, por isso a discussão sobre a nacionalidade da literatura brasileira é pertinente. Machado inicia seu texto afirmando que quem examina a literatura daquele momento enxerga certo “instinto de nacionalidade”, busca as raízes da li-

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

teratura passando por Santa Rita Durão e Basílio da Gama e afirma que esse traço característico é “abono de futuro e sintoma de vitalidade”. Apresenta suas considerações sobre a possibilidade de dar espaço a obras que não tratem exclusivamente de temas ligados a cor local, cultura indígena ou natureza. Busca apresentar a ideia de que é possível escrever obras que se detivessem na análise de caracteres, traça um panorama do romance, poesia, teatro e língua e fala sobre o papel da crítica.

“Eça de Queirós: Primo Basílio” foi publicado em abril de 1878 em *O Cruzeiro*, Machado inicia esse texto comentando sobre o livro anterior de Eça, *O crime do Padre Amaro*, tecendo uma série de duras críticas ao recém lançado livro do autor, *Primo Basílio*, aproveitado também para comentar sobre o movimento que se desenhava no período, o Realismo. Embora reconheça o genuíno talento de Eça, ataca veementemente o estilo e a escola seguida pelo autor. Afirma que seus personagens, em especial Luisa, são mal construídos, ela não passando de um títere, sem caráter e sem moral. Para Machado, o maior pecado do Realismo, e do livro de Eça, é sua “vocação sexual”. Moralista e defensor dos “bons costumes”, Machado não poupa esforços para deixar clara sua opinião:

Com tais preocupa es de escola, não admira que a pena do autor chegue ao extremo de correr o reposteiro conjugal; que nos talhe as suas mulheres pelos aspectos e trejeitos da concupiscência; que escreva reminiscências e alusões de um erotismo, que Proudhon chamaria onissexual e on modo; que no meio das tribula es que assaltam a heroína, não lhe infunda no cora o, em rela o ao esposo, as esperanças de um sentimento superior, mas somente os cálculos da sensualidade e os “ mpetos de concubina”; que nos d e as cenas repugnantes do *Paraíso*; que não esqueça sequer os desenhos torpes de um corredor de teatro. (ASSIS, *Eça de Queiros: Primo Basílio*)

O fato de Machado enxergar e validar a influência de cânones na produ o de Eça (Zola e seu *Assommoir*, além das influências de Balzac e Flaubert) – o que são reafirma a posi o de destaque do autor português –, somado ao fato de Machado criticar um autor que ocupa um lugar tão central quanto o dele no campo literário,   prova que ele não combatia moinhos de vento, mas sim era um crítico que ocupava uma posi o de destaque, tornando-o capaz de ditar caminhos. (BUENO, 2013)

Críticas tão duras não são novidade para Machado de Assis. Em seu texto “Instinto de Nacionalidade”, afirma que o papel do crítico   justamente corrigir e animar a inven o, para que “o gosto se apure e eduque, para que a literatura seja mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam”. Há nele uma crença de que   papel do crítico traçar os caminhos que a literatura deve seguir, e   isso

que faz ao assumir o papel de crítico. Nesse período, é necessário ressaltar, o escritor já possui o poder e o espaço necessários para ser ouvido e levado em consideração por seus convivas.

Em “A Nova Geração”, publicado em dezembro de 1879 na *Revista Brasileira*, Machado de Assis apresenta um estudo das produções de treze poetas contemporâneos, chamando-os *Nova Geração*. Para ele, esses poetas fazem parte de um movimento que procurava a descontinuidade das ideias do Romantismo, uma espécie de transição para uma nova escola que ainda se desenhava, mas que segundo ele, é “uma tentativa de poesia nova – uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, já não é o passado”. O estudo feito por Machado era baseado em um profundo conhecimento de causa; possuidor de uma longa e próspera carreira em várias vertentes, sua opinião era sempre levada em consideração no campo literário.

Mas apesar de todo o espaço e reconhecimento como crítico, aos poucos ele deixa de publicar crítica literária, permanecendo apenas com as crônicas. Aliás, ele abandonou este gênero apenas em fevereiro de 1897, após trinta e oito anos de frequentes contribuições na imprensa. Na época, publicava crônicas semanais para *Gazeta de Notícias*, jornal de muito prestígio, onde escreveu a coluna dominical de primeira página “A Semana” de 1892 a 1897, chegando a um total de 248 crônicas nesses cinco anos. Sua coluna final não dá detalhes dos motivos de seu afastamento, mas é provável que ser cronista estava se tornando muito dispendioso com “as constantes e seguidas transformações no âmbito político, ritmo de vida, pensamento, costumes e aparência do mundo à sua volta” (FRANÇA, 2008, p.182). No entanto, a produção de Machado nesta última década foi muito importante para a ficção brasileira, pois é nesse momento que ele publica seus principais livros. Sendo assim, é possível concluir que:

Machado teria descoberto que a ficção era uma maneira muito mais vigorosa e eficaz de se dizer o que pensa. Fazendo morrer sua atividade crítica, o autor ressuscitou-a em sua obra ficcional, onde podia atacar não apenas a ideologia cientificista<sup>9</sup>, mas também os próprios fundamentos da crítica literária brasileira. (FRANÇA, 2008, p. 188)

---

<sup>9</sup> No Romance *Quincas Borba*, há uma mordaz crítica ao Naturalismo e ao Positivismo, que ocorre através da invenção do *Humanitismo* por parte do personagem que dá nome ao livro. Segundo essa filosofia, o universo estaria reduzido a enunciados e leis científicas.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA  
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

5. *A virada: Machado*

Na década de 1880 e de 1890, Machado de Assis publica seus romances mais significativos: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1889), *Quincas Borba* (1891), *Esaú e Jacó* (1904), *Memorial de Aires* (1908).

A conhecida “virada” de Machado de Assis, caracterizada pela publicação do segundo bloco de seus livros de ficção, é o momento em que o autor passa a exercer um papel cada vez mais central no campo literário no século XIX. A publicação de *Quincas Borba* pode exemplificar isso muito bem. *Quincas* foi publicado em primeiro lugar na revista *A estação* entre junho de 1886 e setembro de 1891, em formato de folhetim. Este era um periódico de moda, destinado ao público feminino, o que causa de início um estranhamento pela presença desta obra. Para Silva (2008),

Tal choque possivelmente é fruto de um longo processo de canonização na qual aprendemos que Machado é o maior representante da alta cultura e que jamais participaria do efêmero e fútil mundo da cultura de massa. Além disso, podemos atribuir grande parte deste espanto à crença de que esse romance famoso, escrito pelo que é considerado o maior autor da literatura brasileira, deveria ser publicado unicamente na forma de livro, para um público masculino e intelectualizado, e não para mulheres, consumidoras de moda e leitoras de um gênero de história, precursor de telenovelas. (SILVA, 2008, p. 166)

No entanto, a presença de *Quincas Borba* nesta revista se deve a motivos literários, midiáticos, mercadológicos e políticos. Em 1879, a revista recebe uma nova orientação editorial, a fim de dar ao periódico um caráter mais nacional. Assim, os colaboradores deveriam escrever resenhas, contos, romances, matérias sobre a vida em sociedade no Brasil daquele momento, enquanto que a parte de modas continuava seguindo as orientações da filial francesa. A presença de Machado de Assis dava legitimidade e prestígio à publicação, como pode ser visto no editorial de 1879:

Confiamos a parte literária da *Estação* a pessoas de reconhecida habilidade e neste e neste número encetamos a publicação de uma produção de um dos nossos mais talentosos e festejados romancistas, que especialmente para o nosso jornal a escreveu e cuja coroa brilhante vai, por este motivo, adquirir mais um luzido florão. (*Estação*, 15/01/1879, apud SILVA, p. 168)

É realmente espantoso que Machado tenha escolhido este periódico para publicar *Quincas Borba*, pois a *Estação* era um jornal ilustrado, para mulheres, que não se interessava por notícias como tantos outros.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Composto por três blocos distintos, fora a parte de modas, a revista trazia textos de aconselhamento, que defendiam o papel da mulher em sociedade enquanto mães, donas de casa, procurando inculcar um *modus operandi* em suas leitoras; outra parte do periódico era destinada às crônicas da sociedade, o que conhecemos nos dias de hoje como a coluna social; a terceira parte eram os textos machadianos, demonstrando sua popularidade e a capacidade de sua figura de atrair público.

*Quincas Borba* foi publicado em formato de livro tempos depois, após uma longa edição, sofrendo vários cortes, inclusive de capítulos inteiros.

O acontecimento literário dispensa a historicidade como algo estritamente relacionado à época em que nasce a obra, pois o essencial é privilegiar a articulação entre as ocorrências desse contexto com os modos pelos quais os efeitos atravessam os momentos recepcionais. (JAUSS, *apud* BORBA, 2008, p. 109)

Sendo assim, a rotulação de o que é cultura de massa e o que não é, depende e é influenciado por uma série de processos não apenas literários, mas também mercadológicos e midiáticos. Dessa forma, Machado de Assis era ainda em vida um autor aclamado pelo público, que vendia muito, rendendo muito lucro a seu editor, B. L. Garnier.

Na década de 1890, após a morte de B. L. Garnier, a livraria foi para o comando de seu irmão mais velho Hippolyte Garnier, que inicialmente dirigiu a livraria do irmão da França, o que acabou deixando-a em segundo plano por alguns anos. Os primeiros anos de sua gestão foram marcados por poucas publicações, por conta também do delicado momento político que passava o país. Sendo assim, Hippolyte investiu apenas em livros de vendagem consistente, sem a pretensão de arriscar a saúde financeira de sua livraria com jovens escritores. A única decisão de peso de Hippolyte foi a impressão das obras de Aluísio de Azevedo.

Mas, no fim desta década, Hippolyte, já no Brasil, decide reformar as instalações da livraria para manter-se em posição de briga pelo mercado com a livraria Laemmert. Para inauguração do novo estabelecimento, uma festa de gala foi oferecida e cada convidado ganhou um livro autografado de Machado de Assis, o autor de mais prestígio da livraria.

Machado de Assis tornou-se o principal romancista brasileiro do século XIX, a criação da Academia Brasileira de Letras e sua eleição como presidente só reafirmam sua posição de destaque. A ABL foi feita nos moldes da academia francesa, inaugurada em 20 de julho de 1897,

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

contava com quarenta membros e teve o nome de Machado de Assis aclamado como presidente logo nas primeiras reuniões preparatórias. Tornar-se o presidente de uma instituição de consagração só o coloca ainda mais em evidência no campo literário, fazendo-o ocupar uma posição cada vez mais central. Em seu discurso inaugural, Machado agradece a sua escolha e afirma o desejo de conservar a unidade literária para além de modas e escolas literárias:

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança.

Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira. Está aberta a sessão.

A posição de neutralidade que sempre foi a marca da carreira de Machado se reafirma nesse discurso, em que se põem em evidência questões que o autor defendeu por anos: a posição neutra da literatura; a responsabilidade de manter a língua forte e a unidade literária. Pontos, que segundo ele, deveriam ser preocupações de todo homem de letras.

### 6. *Crítica póstuma*

Mário de Andrade em seu *Aspectos da Literatura Brasileira* escreveu um texto intitulado *Machado de Assis* em que tece comentários sobre a obra do autor e alguns aspectos de sua personalidade. O mais interessante desse texto se deve ao fato de não ser apenas elogioso, ao contrário, Mário de Andrade inicia o texto dizendo:

Talvez eu não devesse escrever sobre Machado de Assis nestas celebrações de centenário... Tenho pelo gênio dele enorme admiração, pela obra dele um fervoroso culto, mas. Eu pergunto, leitor, pra que respostas ao segredo da

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tua consciência; amas Machado de Assis?... E esta inquietação me melancoliza. (ANDRADE, p. 107)

Com esse comentário, voltamos ao questionamento que se faz ao se descobrir que *Quincas Borba* foi publicado em uma revista feminina: Machado de Assis é cultura de massa ou sua obra é apenas para academia?

É inegável que ao longo dos anos o autor tornou-se cânone; mas em vida, como vimos, sua obra era popular; sua imagem num periódico aumentava a vendagem da revista. A pergunta que se faz é: em que momento ele passa de cultura de massa ao extremo oposto, tornando-se um cânone, quase que intocável, quase que incriticável? Mário de Andrade escreve seu texto apenas trinta anos após a morte de Machado de Assis, teria esse processo de canonização começado ainda em vida? Deixo essa questão em suspenso e retorno ao texto de Mário de Andrade, que apresenta outros comentários bastante interessantes. Um desses comentários diz respeito a figura de Machado de Assis:

consigo ver com alguma nitidez arrependida e incômoda, a genial figura do Mestre. Ele foi um homem que me desagrade e que eu não desejaria para o meu convívio. Mas produziu uma obra do mais alto valor artístico, prazer estético de magnífica intensidade que me apaixonou e que cultuo sem cessar. (ANDRADE, p. 123)

Andrade nos diz que é preciso reconhecer o talento do autor, embora isso lhe desagrade. E mais adiante comenta sobre suas conquistas no campo literário:

Consegui uma vitória intelectual raríssima, alcançando que o considerassem em vida o representante máximo da nossa inteligência e o sentassem no posto então indiscutivelmente mais elevado da forma intelectual do país, a presidência da Academia. (ANDRADE, p. 123)

Seria essa então a resposta para a questão proposta acima? Possivelmente. Ter sido aclamado ao posto de presidente perpétuo da ABL o elevou a um patamar altíssimo, mas isso só ocorreu pela inegável qualidade de sua obra. Qualidade esta, reconhecida por Andrade, mas de uma maneira peculiar. Ele afirma que Machado nunca foi um bom poeta; mas que dominava a forma do conto, embora não sua psicologia; sendo assim, ele não seria nosso maior contista, assim como também não seria nosso maior romancista, pois lhe faltaria também a psicologia. No entanto, logo adiante nos ajuda a compreender como todos esses “poréns” ajudaram a construir a figura de Machado de Assis como uma referência, como um cânone:

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

É que Machado de Assis, se não foi nosso maior romancista, nem nosso maior poeta, nem sequer maior contista, foi sempre, e ainda é, nosso maior escritor. E por isso deixou em qualquer dos gêneros em que escreveu, obras-primas perfeitíssimas de forma e fundo, em que, academicamente, a originalidade está muito menos na invenção que na perfeição. (ANDRADE, p. 127)

A questão não ficou plenamente respondida, ainda há que se refletir muito sobre o tema e sobre a figura emblemática de “nosso maior escritor”, mas fica claro que a posição de eixo gravitacional do campo literário brasileiro no século XIX não foi dada a ele em vão. Todos os anos de contribuição em periódicos e revistas; suas inteligentes e prósperas relações literário-comerciais, começando com Paula Brito e passando por B. L. Garnier; sua produção de crônicas, contos, poemas e romances; somados ao seu trabalho no posto de presidente da ABL conferiram a Machado de Assis a posição de destaque que ocupa até os dias de hoje. Termino com um trecho de Mário de Andrade sobre Machado de Assis, que resume os fatos quando diz: “Mas as obras valem mais que os homens. As obras contam muitas vezes mais que os homens. As obras dominam muitas vezes os homens e os vingam deles mesmos”. No caso de Machado de Assis, sua obra fala por si.

### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, [s/d.].

ASSIS, Machado de. *Obras completas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, 4 vols.

BERGAMINI, Atilio. “Instinto de nacionalidade” na imprensa liberal. In: *Machado de Assis em linha*, vol. 6, n. 12, p. 15-31. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero12/artigo02.pdf>>.

BORBA, Maria Antonieta Jordão de O. Considerações sobre a recepção de Machado de Assis. *Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Casa Doze, ano 15, n. 23, p.107-121, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad.: Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

BUENO, Luís. Influência estrangeira: Augusto Meyer e os casos de Machado e Eça. In: CORDEIRO, Rogério et al. (Org.). *A crítica literária brasileira em perspectiva*. Cotia (SP): Ateliê, 2013.



FRANÇA, Júlio. A aporia do conselheiro: o fim da linha do cronista Machado de Assis. *Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Casa Doze, ano 15, n. 23, p.179-193, 2008.

HALLEWELL, *O livro no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

LEÃO, Andréa Borges. A Livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil: gênese e formação de um campo literário (1858- 1920). *História da Educação*, Pelotas, n. 21, p. 159-183, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/29396>>.

MASSA, Jean-Michel. *A juventude de machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. Prólogo de Antonio Candido; posfácio Paulo Rónai; tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. 2. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2009.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

SILVA, Luis Antonio. História, sistema literário e sociedade na versão folhetinesca de Quincas Borba. *Matraga: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Casa Doze, ano 15, n. 23, p. 165-178, 2008.

WEBBER, João Hernesto. Machado: do discurso romântico da nacionalidade à crítica radical da nação. *Machado de Assis em linha*, vol. 6, n. 12, p. 32-45. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero12/artigo03.pdf>>.